

CRÍTICA BIBLIOGRÁFICA

UM REPARO À OBRA DE HÉLIO SILVA (*).

BRASIL BANDECCHI

do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

O escritor Hélio Silva acaba de publicar o volume XV do *Ciclo de Vargas*, sob o título *1945 — Porque depuseram Vargas*, série de obras que constitui fonte indispensável desse largo e rico período que vai da ascensão à queda do político gaúcho. O trabalho que obra dessa natureza exige está evidenciado na página de gratidão em que procurando destacar a colaboração de cada um dos elementos da sua equipe, Hélio Silva indica as dificuldades a serem vencidas em obras que trazem no seu bojo uma grande soma de fatos e massa enorme de documentos.

Sobre este volume, Hermes Lima escreve:

“Décimo quinto volume do *Ciclo de Vargas*, documentação histórica e política hoje indispensável ao estudo e compreensão dos caminhos da revolução brasileira, este *Porque depuseram Vargas*, penúltimo da série, contém, como os anteriores, uma riqueza documental e informativa que, mais uma vez, atesta o extraordinário serviço prestado por Hélio Silva e sua equipe de pesquisadores à história política nacional”.

E é exatamente pela importância documental da obra e seu valor no que tange à história política brasileira, que, com intuito de colaborar, faço reparo à *Cronologia* (págs. 15/24), quando na data 10 de novembro de 1943, lê-se:

“Grupo de estudantes é preso em São Paulo por sugerir que a FEB não seja enviada para o exterior e sim para derrubar o Governo”.

(*) . — SILVA (Hélio) . — 1945 — *Porque depuseram Vargas*.

Primeiramente, as prisões não se realizaram no dia 10, mas sim no princípio daquele mês, em maior número no dia 2, pois que o Manifesto à Nação, assinado por mais de duzentos estudantes, fora aprovado na véspera, em sessão do Centro Acadêmico “XI de Agosto”, realizada na Faculdade.

Realmente, no Baile das Américas levado a efeito a 30 de outubro, quando o presidente do Centro, Hélio Mota, gritou ao microfone “Viva a Democracia!”, o que motivou sua prisão no dia seguinte, o acadêmico Lenício Pacheco Ferreira, declamou a seguinte sextilha:

“Oh! heróico legionário
Do Corpo Expedicionário,
Por que vais lutar a esmo?
Se a luta cruenta e fria
É pela Democracia
Vamos lutar aqui mesmo!”

Mas isto é apenas um episódio de uma jornada heróica que levou democratas às galés e tingiu de sangue as ruas de Piratininga. Não foram esses versos a causa das prisões e da tragédia de 9 de novembro.

O que realmente expressava o pensamento e os ideais da mocidade estudantil era e é o “Manifesto de 19 de Novembro” redigido por Luís Arrobas Martins e, como disse, com mais de duzentas assinaturas, que pode e deve figurar ao lado do documento dos mineiros “Ao Povo Mineiro”.

O “Manifesto à Nação”, dos estudantes paulistas, que eu publiquei em folheto e depois na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. LXXII, 1975, em nenhum passo sugere que a FEB não vá para o exterior e que fique para derrubar o governo.

O documento histórico assim começa:

“Há pouco mais de um ano, nós, os estudantes de Direito, juntamente com os universitários das demais escolas superiores de São Paulo, nos colocamos à frente do nosso povo, nas ruas, para exigir uma definição do país em face da agressão fascista. Não o fizemos levados por uma exaltação momentânea, nem por um impulso cego de vingança. Muito antes que as nossas águas se tingissem com o sangue de brasileiros assassinados pela barbárie totalitária, já vínhamos batalhando por uma participação efetiva do Brasil na guerra contra os bandos fascistas. Estávamos convencidos de que essa atitude se impunha ao nosso povo, para

que continuasse digno de suas tradições viris, lutando ao lado das nações livres, batalhando pela preservação dos valores humanos e para que se integrasse na sua linha histórica, expurgando, desta terra os fermentos ideológicos que o fascismo estrangeiro e indígena lhe inoculou. Tínhamos esperança de que, passando o Brasil a ombrear com as Nações Democráticas do mundo, os governantes da nossa terra, teriam a honestidade de democratizar inicialmente o nosso país. Só assim se conseguiria a união nacional tão necessária nesse momento e tão desejada por todos os brasileiros”.

Esta é tônica do manifesto: redemocratização e união nacional, finalizando com o protesto contra a prisão de Hélio Mota e reque-
rendo que

“contra cada um dos signatários individualmente e contra todos coletivamente seja aberto processo semelhante àquele que responder o Presidente do Centro Acadêmico “XI de Agosto” e que as penalidades a ele impostas, pesem também sobre os abaixo-assinados”.

Todos os acontecimentos de novembro de 1943 estão narrados no raríssimo livro do Prof. A. Almeida Júnior, *Sob as Arcadas* (Ministério da Educação e Cultura, 1965), no capítulo “A Resistência Acadêmica e o Estado Novo”.

Em 1944, partiram para os campos da Itália os heróicos soldados da gloriosa Força Expedicionária Brasileira. Vinte e cinco estudantes de direito e ex-alunos da Faculdade, a integram: Antônio Carlos S. Corrêa, Antônio Leme da Fonseca Filho, Antônio Moreno Gonzales, Antônio Teodoro de Lima, Armando Veiga Castelo, Candido T. de Souza Andrade, Carlos Mendes Coelho, Celso Braga, Clóvis Garcia, Eduardo Ramos de Oliveira, Eurípedes Simões de Paula, Fernando Corrêa da Rocha, Francisco da Silva Prado, Francisco de Assis B. de Menezes, Geraldo Camargo Vidigal, Hélio Barreto Mateus, José Vasques Bernardes, Kioshi Sakai, Naldo Caparica, Paulo Campos, Roger Jules de Carvalho Mange, Rui Caldeira Ferraz, Rui Pereira de Queiroz, Túlio C. Campelo de Souza e Ubirajara Dolácio Mendes.

Quanto aos signatários do “Manifesto a Nação”, publiquei todos os nomes no citado número da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, aqui referido.